

15 MAR 1988

A hiperestagflação

Previsão do professor Mário Henrique Simonsen: no rescaldo de dois choques heterodoxos desastrosos, a economia brasileira mergulha de cabeça no lodaçal do que ele chama de "hiperestagflação". O crescimento do produto já estaria zerado, mas a inflação continua avançando para patamares nunca dantes navegados.

Na avaliação de Simonsen, a recarga da "estagflação" vai provocar saudade da recessão delfiniana de 1981/83. Aquela teve um caráter corretivo ou purgativo, alívio do ajuste compensando as dores do tratamento. A "estagflação" de 1988/89 não vai corrigir coisa alguma, apenas aprofundar os desvios da inflação, da dívida, do desemprego, do desinvestimento, da descapitalização, do déficit público, do arrocho salarial...

Um rascunho do mapa do inferno.

Simple penada

Para desligar a contagem regressiva da catástrofe, Simonsen oferece uma solução aritmética: introduzir um redutor mensal para preços e salários, da ordem de 90% do IPC. No cenário de doze meses, contados de abril, a inflação cairia de 20% ao mês para "algo em torno" de 5% ao mês.

A introdução do redutor, por decreto, implicaria em um tabelamento geral de preços, salários, aluguéis, e valores — e não de um congelamento. Todos os contratos seriam reajustados, a cada trinta dias, por um índice equivalente a nove décimos da inflação do mês anterior. Isso reverteria a inflação do auge para o declive já no segundo mês do processo.

Esta é a receita do pudim. Com uma pitada de sal grosso: a elevação dos juros reais, que "estão perigosamente perto de zero", avisa Simonsen.

Aviso fúnebre

O retrato três por quatro da "hiperestagflação": o produto industrial está em marcha-à-ré desde novembro. Em janeiro, segundo o IBGE, a produção do setor caiu em 8,6%, a maior queda mensal desde julho de 1983, fundo do poço da recessão imposta pelo "ajuste externo". e fevereiro, também o desaquecimento de áreas que vinham registrando sinais de recuperação, em mercados com demanda fortemente reprimida. Caso da indústria da construção no segmento das obras públicas.

No sistema de preços, inflação "anualizada" já na faixa dos 550%, a virada de fevereiro para março contempla o reaparecimento do pior predador da selva econômica: o medo do novo congelamento, gatilho da remarcação antecipada ou defensiva de todos os preços. Uma expectativa patogênica, robustecida pelo fiasco da primeira grande prova de fogo da retórica palaciana da austeridade: o corte dos gastos públicos.

Jogo sem regra

A última nota da sinfonia inacabada da "hiperestagflação": a suspensão sumária dos financiamentos dos imóveis usados, "moeda de troca" do mercado imobiliário. O efeito tóxico é manso: este segmento do mercado nunca nadou em crédito. Mas o efeito psicológico é um desastre: a desorganização do mercado imobiliário, que mal ensaiava safar-se do brejo em que se meteu nos últimos sete anos.

As regras do jogo foram restabelecidas em janeiro, apontando para a retomada dos investimentos no setor. O corte dos créditos para os imóveis usados restabelece o regime de sobresalto na tomada de decisão dos empresários do ramo: as regras do jogo não são confiáveis e não dá para fincar estacas em areia movediça.

Falta decisão

Prevaleceu no recuo da Caixa Econômica Federal um antigo vício da tecnoburocracia: ajustes de caixa da política financeira falam mais alto que a operação da economia em mercados físicos. A construção de moradias novas depende do bom funcionamento do mercado de moradia: usadas. De certa forma, o mercado de imóveis funciona na mesma fisiologia do mercado de automóveis: quem não pode sair do usado, não tem como entrar no novo. Em São Paulo, um imóvel novo resulta de uma reação em cadeia de cinco imóveis usados.

Com lembrete: o mercado imobiliário movimenta 17% do produto industrial brasileiro e uma generosa fatia do setor de serviços. E tudo com tecnologia nacional e com poupança interna, cativa, estocada, já folgada. Pelo menos no setor habitacional, o problema está, não na falta de recursos, mas na falta de decisão, que se confunde com excesso de intervenção.

Resultado? Recessão.